



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

VITÓRIA LOBO TRINDADE

LETRAMENTO EM HISTÓRIA
“ENCANTOS”: UM LIVRO PARADIDÁTICO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES
NO RECIFE DO SÉCULO XIX

RECIFE

2019

VITÓRIA LOBO TRINDADE

LETRAMENTO EM HISTÓRIA

**“ENCANTOS”: UM LIVRO PARADIDÁTICO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES
NO RECIFE DO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Rural de Pernambuco como
requisito para a obtenção do título de Licenciada
em História.

Orientadora: Profa. Dra. Rozélia Bezerra.

RECIFE
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

T832l Trindade, Vitória Lobo.

Letramento em história: “Encantos” um livro paradidático sobre as transformações no Recife do século XIX / Vitória Lobo Trindade. – Recife, 2019.

79 f.: il.

Orientador(a): Rozélia Bezerra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, Recife, BR-PE, 2019.

Inclui referências, anexo(s) e apêndice(s).

1. Letramento – Recife (PE) 2. Livro paradidático – Recife (PE)
3. História. I. Bezerra, Rozélia, orient. III. Título

CDD 981

Vitória Lobo Trindade

Letramento em História: “Encantos” um livro paradidático sobre as
transformações no Recife do século XIX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento do curso de História da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, como requisito para
aprovação na disciplina de TCC II.

Recife, ____ de julho de 2019

Banca Examinadora

Orientadora Profa. Dra. Rozélia Bezerra
DeHist - UFRPE

Profa. Dra. Rose Mary do Nascimento Fraga
DL - UFRPE

Prof. Dr. Wellington Barbosa da Silva
DeHist - UFRPE

*“Tudo é nosso, tudo é expressivo, tudo é
diferente das outras cidades.”*

(Mário Sette)

AGRADECIMENTOS

À minha avó, dona Menininha, por todo cuidado, proteção e incentivo aos estudos desde sempre. À minha mãe, Shirley Lobo Trindade, e meu pai, Juarez Carlos Trindade da Silva, pela cobrança, incentivo e participação em toda a minha trajetória escolar, processo de ingresso na Universidade e durante a graduação.

Especialmente à minha mãe pelas restrições e proibições sobre lazer fora de hora e pelo discurso repetido sobre a importância da leitura e do estudo, que, por tanto tempo, eu vi como chatice e hoje percebo, na verdade, era cuidado, proteção e preocupação.

Especialmente ao meu pai por me ensinar, incansavelmente, que não devo me submeter a ninguém, que posso, e devo, ser independente e que nada é tão distante que eu não possa alcançar. Por me colocar diante das heroínas da TV e me dizer que eu podia ser como elas e, finalmente, por, inconscientemente, ter me colocado na trilha da luta feminista.

À minha irmã, Viviane Lobo Trindade, por me fazer lembrar que ainda tenho muita vida pela frente.

Ao meu falecido avô, Fernando Antônio Lobo, por me fazer acreditar que eu poderia aprender qualquer coisa, embora eu tenha descoberto, mais tarde, que manipulava minhas vitórias nas partidas de xadrez.

Ao meu queridíssimo e maravilhoso parceiro de todas as horas, João Mariano de Melo Neto, por todo carinho, compreensão e incentivo em gestos e palavras. Pela confiança, por acreditar em mim quando eu não acreditei, por estar presente em todos os momentos, se importar e apoiar minhas escolhas e, claro, por querer me ver sempre feliz.

À minha prima e, quase doutora, Iris Trindade Tenório Jacob, por ser meu exemplo acadêmico no núcleo familiar, foi graças a ela que vi possibilidade de ingresso na Universidade pública imediatamente após o término do Ensino Médio e ao seu irmão, Edmond Trindade Tenório Jacob, a quem muito admiro desde sempre e que, talvez não tenha percebido, mas, do seu jeito torto e mandão, também me faz acreditar em mim.

À minha tia, Eliane Trindade e seu esposo, Edmond Jacob, pela importantíssima participação na minha vida.

Aos meus amigos de infância Anderson Henrique e Maria Lukya, por ensinarem a ver além de mim mesma. Graças a eles aprendi na prática o que é amizade, generosidade e empatia. Agradeço à eles também por todo aprendizado conjunto, principalmente o de que não precisamos concordar em tudo para nos amar, tampouco viver grudados para estar presentes na vida um do outro.

Aos meus queridos professores da educação básica Rejane Anjos, Marcos Verçosa, Luciana Félix e Adriana Souto Maior Sales, por me fazerem acreditar em uma carreira docente humanizada. Também ao professor Jair Santos, que, assim como os demais, acreditou e apostou no meu potencial. Também a Marli, bibliotecária da Escola Professora Maria Alves Machado, que tanto incentivou minhas leituras.

Ao PET Conexões: Práticas de Letramento, por ter dado condições de concluir minha graduação e por contribuir com uma docente que visa a inclusão de jovens periféricos nas Universidades públicas.

Especialmente à tutora do PET Letramento, Rose Mary do Nascimento Fraga, ao tutor colaborador, Julio Cesar Fernandes Vila Nova e aos integrantes Raí de Amorim Freire e Érica Cristina Pereira da Silva pelos diversos ensinamentos e trocas de ideias sobre práticas docentes.

Às minhas professoras da graduação pela representação feminina no meio acadêmico, aos pouquíssimo professores e professoras negras da UFRPE pela representação étnico-racial.

À minha queridíssima orientadora Rozélia Bezerra, pois sem ela este trabalho não seria possível.

Aos colegas de turma, em especial Juliane Monteiro, Fabrício Leal e Victor Mesquita pelas muitíssimo boas conversas e pelas muitas palavras de incentivo.

À, também colega de turma, Thaís Nunes Rocha Perez, por ter se mostrado tão generosa ao se oferecer para fazer as fotografias deste trabalho e, claro, pelas ótimas fotografias. À sua mãe, dona Telma, e Helivelton Amaral, por terem, de bom grado, nos acompanhado – a mim, Thaís e Rozélia – na empreitada fotográfica.

Às Casas José Araújo, especialmente ao seu designer de moda, Pablo Schäuuffele, por se dispor a desenhar o vestido da personagem do meu livro e por tê-lo feito tão bem.

Aos idealizadores e implementadores de políticas públicas de acesso e permanência na Universidade Pública para jovens pobres, negros e negras advindos de escolas públicas, sem elas minha estadia na UFRPE seria impossível. É na importância e força dessas políticas que acredito e as defenderei enquanto docente de História.

A todos e todas cujos nomes não citei, mas que cruzaram meu caminho até aqui, pois foram e são todos essenciais para a minha formação. Me fizeram ver, principalmente nos últimos quatro anos e meio, diversas possibilidades de caminhos a serem trilhados.

À todas as mulheres, à todos os negros e negras cuja história de vida me serviram e ainda servem de inspiração e me fazem sonhar com uma longa trajetória acadêmica e de implementação de pedagogias responsivas na periferia.

LETRAMENTO EM HISTÓRIA

“ENCANTOS”: UM LIVRO PARADIDÁTICO SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES NO RECIFE DO SÉCULO XIX

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho constitui-se como produto de uma série de experiências no Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões: Práticas de Letramento¹ da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que está sob tutoria dos professores Dra. Rose Mary do Nascimento Fraga e Dr. Julio Cesar Fernandes Vila Nova, além de uma série de observações e práticas nos Estágios Supervisionados Obrigatórios (ESOs), realizados durante a graduação em Licenciatura em História.

A partir do PET Práticas de Letramento, foi possível perceber o déficit de leitura e escrita dos estudantes e pensar práticas que proporcionem um desenvolvimento significativo dessas habilidades. A partir dos ESOs, foi possível perceber, em escolas regulares da Rede Pública de Ensino de Pernambuco, a ausência de material complementar de leitura integrado ao currículo escolar que contemplasse alguma temática sobre o Recife.

Soma-se a isso, o fato de ter sido possível constatar, a partir de pesquisa em catálogos de diversas editoras², uma lacuna no material paradidático direcionado à História. Há muitas coleções direcionadas a temas transversais e interdisciplinares, como educação das relações étnico-raciais, educação em direitos humanos, cidadania, diversidade cultural, identidade de gênero, trabalho, consumo, vida social e familiar, entre outros, mas não são dedicadas à disciplina História. Tais temáticas são apresentadas a partir de acontecimentos da atualidade, que podem, e devem, ser trabalhados, em diversos momentos, na matriz curricular de História de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2016).

Apesar da diversidade de temas, notou-se a ausência de livros paradidáticos de História e acredita-se que, para um bom desenvolvimento da disciplina, é necessário que haja, além dos

¹ O PET Conexões: Práticas de Letramento é um programa vinculado ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Estudantil (FNDE) que seleciona estudantes de licenciaturas diversas oriundos de escolas públicas. O programa tem como foco a atuação em escolas públicas, levando atividades que contribuam com o desenvolvimento e estimulem a leitura e escrita, a fim de complementar a formação escolar e aproximar a escola e a universidade.

² Catálogos digitais das Editoras Moderna e Salamandra (Grupo Santillana), Editoras Ática e Scipione (Grupo Somos Educação), Grupo Companhia das Letras e Editora Positivo. Catálogos digitais das Editoras do Grupo Santillana, disponíveis em <<https://www.salamandra.com.br/catalogo-2/>> e <<https://www.moderna.com.br/literatura/>>; Catálogo digital das Editoras do Grupo Somos Educação, disponível em <<https://www.aticas.com.br/>>; Catálogo digital da Grupo Companhia das Letras, disponível em <<https://www.companhiadasletras.com.br/titulos.php>>; e Catálogo digital da Editora Positivo, disponível em <<http://www.editorapositivo.com.br/literatura/paradidaticos/>>. Acesso em 22 mai. 2019.

temas transversais, material paradidático focado em outros tempos, seus conflitos, formas de viver, etc. A partir dessas lacunas é que foi pensada a elaboração de um livro paradidático sobre o Recife do século XIX.

Este trabalho não afirma – nem poderia – a inexistência de livros paradidáticos sobre tempos passados. No entanto, usualmente, por mais que, de suas narrativas, possam ser extraídas discussões sobre temáticas históricas, não é esse o seu foco, tampouco a prática do professor é direcionada para isso, uma vez que o uso de paradidáticos costuma estar presente na disciplina Literatura. Nas escolas da rede pública, normalmente, nem isso ocorre, porque não há distribuição de livros paradidáticos para os estudantes através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³. No entanto, a alternativa reside na possibilidade da biblioteca escolar adquirir, através do PNLD, doação ou compra, uma quantidade e variedade que permita que professores trabalhem tais textos em uma turma completa.

Foi pensando em colaborar com um ensino de história que preze pelas particularidades locais que se pensou em elaborar um material didático. Especialmente, um livro paradidático, que permitisse uma abordagem lúdica da História a partir da cidade do Recife do século XIX.

2. A LEITURA NA DISCIPLINA HISTÓRIA

Não é novidade que muitos estudantes têm dificuldade em leitura e escrita. Notadamente estudantes da rede pública de ensino. É comum que o contato dessas crianças e adolescentes com material escrito se dê, principalmente, através dos livros didáticos. Não é necessária uma observação muito longa. Qualquer um com olhar atento – seja estudante, responsável legal, professor ou visitante – poderá perceber que, mesmo as bibliotecas escolares bem estruturadas, costumam ser subutilizadas.

Graças à experiência no PET Letramentos, foi possível compreender que ensinar a ler e escrever não é tarefa somente dos professores de português, mas da escola como um todo. O ensino escolar se dá, normalmente, a partir de material escrito (o livro didático) e a sistematização dos saberes também (atividades avaliativas). Portanto, é importante que, para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, diferentes disciplinas escolares se empenhem em produzir e utilizar material escrito cujo conteúdo contribua para o ensino e aprendizagem e possa ter sentido no cotidiano dos estudantes.

³ BRASIL. Resolução/CD/FNDE nº 42, de 28 de agosto de 2012. Disponível em <<https://www.fn.de.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/legislacao>>. Acesso em 20 jun. 2019.

Se, para alguns, só há história quando há escrita, é fundamental que os estudantes tenham escrita e leitura bem desenvolvidas para ler a história e produzi-la. Mesmo quando se acredita na existência de uma história ágrafa, conhecer a história ainda é ler o mundo a partir de um passado ou de vestígios de um passado. A sistematização desses vestígios e sua disseminação se dão, usualmente, através do escrito, então, de acordo com Santos (2007) “para que essa leitura do mundo se faça, é imprescindível que a leitura da palavra aconteça. Daí ser papel também do professor de história exercitar a leitura e a escrita em suas aulas”.

A análise histórica depende de uma interpretação. Além disso, enquanto disciplina escolar, a História se propõe a aguçar a capacidade crítico-argumentativa dos estudantes. Sendo o escrito o principal meio através do qual a sistematização dos saberes históricos se apresenta, é imprescindível que docentes trabalhem leitura e escrita para além da memorização do conteúdo. A leitura em História, permite a compreensão de eventos em outros tempos, suas influências e continuidades nos dias atuais e, consequentemente, eventos da atualidade.

Não significa, como já disse Freire (2000), que o estabelecimento de uma quantidade de páginas, a serem lidas em uma unidade temática ou semestre letivo, garantirá uma aprendizagem significativa. A leitura deve estar inserida e contextualizada nas atividades escolares para que os estudantes a entendam como indissociável das atividades escolares e da vida cotidiana.

3. POR QUE ENSINAR A HISTÓRIA DO RECIFE?

O Currículo de Pernambuco defende que, sempre que possível, a História seja ensinada a partir de acontecimentos regionais e deixa espaço para que os municípios insiram os acontecimentos locais quando tomarem o Currículo como norte para o desenvolvimento de suas próprias orientações curriculares. Nesse sentido, o Currículo de Pernambuco, de certa forma rebate a BNCC de História que, para o Ensino Fundamental Anos Iniciais, propõe o desenvolvimento de habilidades que permitam aos estudantes perceberem-se como sujeitos da própria história e, para o Ensino Fundamental – Anos Finais, desconsidera o tempo e espaço dos estudantes. Tal posicionamento da BNCC nos coloca, novamente, em frente a um ensino da História dos grandes acontecimentos e dos grandes homens.

No contexto escolar, uma História da qual o estudante não faz parte, provavelmente não o interessa e o afasta, cada vez mais, das aulas da disciplina. Esse distanciamento dificulta o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, que encaminhe os estudantes para reflexões críticas sobre o mundo a partir de suas vivências. De acordo com Fernandes (1995) a História Geral do Brasil não deu lugar e voz ao homem comum, enquanto o ensino de História, a partir de uma realidade local permite tocar em pontos cruciais para a construção de identidade.

Os estudantes aprendem, a partir dos livros didáticos de História, sobre acontecimentos políticos e atividades econômicas que movimentaram o Brasil. Mas não conseguem estabelecer relação alguma entre o que lhes é apresentado como História e sua realidade.

O Currículo de Pernambuco tentou, a partir da lógica da BNCC, dar espaço às singularidades regionais como forma de tentar minimizar os prejuízos de um currículo que apoia um ensino de História generalizante. A proposta desse currículo, apesar de não se desvincular completamente do ensino proposto pela BNCC, permite uma abordagem da História a partir das localidades.

Nesse trabalho, a atenção foi voltada para turmas de 8º ano das escolas públicas estaduais. De acordo com a BNCC (BRASIL, 2016) e com o Currículo de Pernambuco (2018), na terceira unidade temática deste ano escolar, os estudantes devem aprender, em História, sobre o Brasil do século XIX, seus conflitos, estrutura social e produção de identidades. De acordo com a BNCC, o Brasil do século XIX deve ser estudado a partir do poder central, enquanto o Currículo de Pernambuco, coloca que devem ser estudados, além dos acontecimentos da capital, as regionalidades. É nesse contexto que o livro paradidático foi elaborado.

4. LETRAMENTO EM HISTÓRIA: DA IDEIA AO LIVRO PARADIDÁTICO

4.1. DA IDEIA...

Já se reconhece a importância, para o estudo de um período histórico, de observar, ler e interpretar objetos e textos produzidos nele. Assim como é reconhecida a importância do livro didático de História e do material paradidático como mediadores entre o passado e o leitor no tempo presente. Os livros didáticos já cativaram as escolas e se fazem presente nas aulas de quase todas as disciplinas escolares. São obrigatórios e distribuídos gratuitamente pela rede pública de ensino. Os paradidáticos, como já foi dito, embora possam estar presentes na biblioteca escolar, não fazem parte da leitura obrigatória.

O paradidático é, aqui, compreendido como consta no Guia de Preenchimento das Fichas do Banco de Dados LIVRES – Livros Escolares Brasileiros: um livro “com conteúdo temático ou partes de uma disciplina”. O material é caracterizado, entre outras coisas, pela linguagem acessível (LAGUNA, 2012), e pode, além de estimular o hábito pela leitura – cuja importância é inquestionável em uma sociedade letrada – direcionar para uma compreensão geral da temática estudada.

No caso específico desse paradidático, direcionado ao 8º ano do Ensino Fundamental, acredita-se que a narração em primeira pessoa, sobre um espaço que faz parte do cotidiano dos estudantes, pode estimular o interesse dos estudantes pelo conteúdo trabalhado. A partir do livro,

que deve ser trabalhado em sala de aula, os estudantes podem partir para outras leituras ou mesmo buscar outras fontes de informação sobre o século XIX, seja no Recife ou outros espaços. Acredita-se que para que possa ser trabalhado durante as aulas de história, é necessário que se trate de um texto curto.

O livro paradidático, embora constituído por um texto fluido, requer uma leitura que, de certa forma, é complexa porque é necessário que haja reflexão e interpretação, a fim de alcançar os objetivos propostos em sala de aula. Por outro lado, ao mesmo tempo em que é complexa, é, também, uma leitura prazerosa e que, passado o período escolar, pode ser relida e o leitor pode ter uma nova compreensão e fazer novas interpretações, cada vez mais profundas.

O contato com turmas de Ensino Fundamental Anos Finais, apesar de curto, além da percepção sobre o baixo nível de leitura, provocou uma reflexão sobre a necessidade de um ensino de História que partisse das vivências do estudante. Por isso teve-se o interesse em ensinar sobre o Brasil Império, às turmas de 8º ano do Ensino Fundamental de escolas do Recife, a partir da própria cidade do Recife que, de acordo com Carvalho (2002), era uma cidade muito atrativa já na primeira metade do século XIX pela dinâmica do porto. E foi esse dinamismo atrativo da cidade que apareceu como uma oportunidade de chamar a atenção dos estudantes para o estudo do Brasil Imperial, vendo-o a partir do Recife Imperial.

A grande movimentação portuária levou a classe burguesa da cidade a se afrancesar e valorizar a vida urbana. Tal processo não se deu apenas no Recife, tampouco foi em Recife que se iniciou, no entanto, pode ser estudado a partir dessa cidade. Isto dará, aos estudantes, a oportunidade de conhecer sua própria história ao cruzar uma rua e se deparar com resquícios desse tempo. É uma possibilidade de perceber que sua cidade, esteve e ainda está, inserida na História do Brasil, que as relações humanas constroem a História e que todos somos parte dessa construção. Ensinar História a partir da cidade do Recife pode contribuir com o desenvolvimento de uma memória afetiva e identidade cultural nos estudantes (TEIXEIRA, 2008).

Foi pensando na relação entre o ensino de História e a leitura, em como uma leitura prazerosa pode contribuir para a assimilação do conteúdo e na importância do ensino de história local, que surgiu a ideia de construir um livro paradidático sobre a cidade do Recife no século XIX, mais precisamente no ano de 1852. Para a elaboração desse livro paradidático, partiu-se da análise literária e seu confronto com documentos produzidos no Recife, durante o século XIX.

Antes de tudo, foi importante tomar, como fundamentação teórica sobre Literatura e História, o trabalho de Pesavento (2000). Ela propõe reflexões sobre as possibilidades de

diálogo entre a História e a Literatura. Por sua vez, Borges (2010), traz considerações sobre as relações entre História e Literatura e Ferreira (2012), que aborda de forma breve, porém objetiva, a relevância do uso da literatura como fonte histórica e possibilidades metodológicas.

A partir daí, fez-se uma série de leituras sobre o Recife no século XIX. A pesquisa de Souza (2002), tratou das legislações municipais, sua construção com base em influência europeia e seus impactos na vida urbana. Rocha (2003), discutiu a construção de mercados públicos, mais especificamente o Mercado de São José, como consequência de uma modernidade pautada no ideal higienista e Silva (2011a e b), cujo trabalho se debruçou sobre a influência da modernização do século XIX e nos costumes caseiros da burguesia recifense.

Foram tomados como fontes o livro **Arruar: História pitoresca do Recife Antigo**, de Mário Sette (2018)⁴, no qual o autor registrou particularidades do Recife no século XIX, bem como a forma como estas particularidades foram percebidas e vividas. O livro foi um ponto de partida para pensar como o processo de urbanização iniciado no século XIX modificou tão profundamente a estética e formas de viver a cidade

Também, consultou-se os Relatórios de Presidente de Província. São documentos oficiais elaborados que, ora se encontram disponíveis em formato digital, para consulta e para *download*, no *Center for Research Libraries* (CRL)⁵, um consórcio de bibliotecas dos Estados Unidos que abriga uma coleção intitulada **Projeto de imagens de publicações oficiais brasileiras**. Para a elaboração da narrativa sobre o cenário recifense, consultou-se os Relatórios produzidos na década de 1850.

O processo de ilustração do livro paradidático teve início em uma aula da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II⁶, quando a proposta de criar um livro paradidático foi compartilhada com a turma. A aluna Thaís Nunes se ofereceu para fazer as fotografias que foram utilizadas como ilustração do livro.

No sábado 01 de junho de 2019 houve uma reunião para definição dos lugares a serem fotografados. Foram definidas a Igreja Madre de Deus, devido ao fato de a história se passar em um período em que uma doença assolava a cidade e fazia com que as pessoas se apegassem às suas crenças de salvação. Também foram fotografadas a fachada do Teatro de Santa Isabel, da fachada de sobrados da Rua do Bom Jesus, do interior e fachada da Igreja Madre de Deus.

⁴ O livro **Arruar: História pitoresca do Recife Antigo**, escrito por Mário Sette, foi publicado pela primeira vez em 1948, teve uma segunda edição em 1952, uma terceira em 1978 e a quarta edição, citada neste trabalho, foi feita em 2018 pela Companhia Editorial de Pernambuco.

⁵ Os Relatórios de Presidentes da Província de Pernambuco estão disponíveis em <<http://ddsnext.crl.edu/titles/180/items>>. Acesso em 22 nov. 2018.

⁶ A disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II é ofertada, pelo Departamento de História, ao curso de graduação em Licenciatura Plena em História da UFRPE e ministrada pela Profa. Dra. Rozélia Bezerra.

Buscou-se capturar fotografias de elementos remanescentes do século XIX a fim de proporcionar ao estudante/leitor uma identificação entre aquilo que se passa na história do livro paradidático e elementos presentes no seu cotidiano.

Assim, surgiu a ideia de criar um livro paradidático a partir do qual fosse possível retratar, de forma lúdica, o Recife do século XIX.

4.2. ...AO “ENCANTOS”: UM LIVRO PARADIDÁTICO SOBRE O RECIFE DO SÉCULO XIX

Para a estruturação do livro, seguiram-se os parâmetros de Análise de Narrativa propostos por Cândida Villares Gancho (2006).

Escolheu-se uma narrativa romanceada. A **narradora**, é onisciente, ou seja conhece todos os fatos relativos à história, e onipresente, porque constitui uma das **personagens centrais** do enredo. Os elementos que dão corpo ao **enredo**, são fruto da análise das fontes e referências bibliográficas consultadas. Foram embasados em documentos produzidos no Recife, durante o século XIX ou em estudos realizados posteriormente sobre o período.

Por sua vez, embora sejam inspirados em pessoas, acontecimentos ou características expressas nos documentos do Recife século XIX ou estudos sobre o período, **os personagens** da história são, quase todos, ficcionais. São considerados e descritos, aqueles que participam, do enredo ou cujas ações interferem, direta ou indiretamente, no desenrolar da história (GANCHO, 2016, p. 7).

Desse modo, os **personagens fictícios** são: Maria Tereza, uma debutante franzina enamorada por um jovem que lhe faz a corte por bilhetes e encantada com a chegada do irmão mais velho, Gregório, vindo da Europa. Maria Tereza ou Teca, como sua família a chama, também está ansiosa com a chegada do Grande Baile Mascarado, no qual comemorará seu décimo quinto aniversário. Gregório, o irmão mais velho de Maria Tereza, é um rapaz que foi à Europa, estudou e, desde sua volta ao Recife, como médico, auxilia o pai com seus pacientes. Por isso, é respeitado pelos senhores e cobiçado pelas moças da cidade. Doutor Francisco, pai de Maria Tereza e Gregório, é um dos médicos mais conceituados da cidade. Com o grande número de casos de febre amarela, sua rotina de trabalho ficou mais agitada. Guilhermina, mãe de Maria Tereza e Gregório, é uma senhora tradicional, seletiva e que adora ostentar o título de esposa de um dos médicos mais renomados e influentes da cidade. A única **personagem real do enredo** é Madame Ancelle, a qual foi a dona de uma loja de tecidos, cujos anúncios apareceram, com frequência, nas edições do Diário de Pernambuco⁷ do início do ano de 1852.

⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 1825-. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_03&pasta=ano%20185&pesq=>>. Acesso em 22 jun. 2019.

Ela havia chegado da França nesse mesmo ano e prometia oferecer os tecidos e modelos da última moda parisiense. Ela aparece, no livro “Encantos” como uma modista que atende e agrada a uma clientela refinada, como é o caso de Guilhermina e Maria Tereza. Elas encomendam à Madame os seus vestidos de baile. Oswaldo é o rapaz pelo qual Maria Tereza está apaixonada, ele lhe mandou uma série de bilhetes que foram interceptados por Jamila, a mucama de Maria Tereza.

Para a criação desses **personagens**, foram tomados como base, além do livro **Arruar**, de Mário Sette (2018), os estudos de Sandro Vasconcelos da Silva (2011a e b), nos quais o autor fala sobre os costumes dos recifenses do século XIX, seja no vestuário, no vocabulário, na forma de portar-se ou mesmo na decoração das casas.

Para a criação do **espaço**, no qual a narrativa se desenvolve, foram de suma importância os trabalhos de José Humberto Barbosa (1998-1999), Arthur Rocha (2003) e Wellington Silva (2007 e 2009), todos sobre a cidade do Recife do século XIX. Embora esses trabalhos não sejam explicitados na narrativa do paradidático, foram imprescindíveis para compreender as dinâmicas da cidade na primeira metade do século XIX. A história se passa na cidade do Recife, no início da década de 1850. Para tentar reproduzir os **espaços** de época, foram fotografadas as fachadas de alguns sobrados da Rua do Bom Jesus. A escolha foi intencional por eles manterem as características de construções do século XIX.

O **ambiente** de época também foi considerado. Não só o doméstico, como o lar dos personagens central, mas, também, o **ambiente** externo, como a igreja e seus cultos realizados em virtude do medo da Febre Amarela, uma epidemia que não era epidemia. Nos Relatórios de Presidente de Província, elaborados na primeira metade da década de 1850, a Febre Amarela foi mencionada, pelo poder público, diversas vezes, embora não fosse tratada como epidemia, apenas, como um episódio preocupante. Em **Arruar**, a doença também aparece como motivo de preocupação e Mário Sette fala sobre a importância do Conselho Geral de Salubridade no combate à enfermidade. Outro **ambiente do enredo**, dessa feita mundano, é o Teatro Santa Isabel, no qual foi realizado um Baile de Máscaras. No livro **Arruar**, Mario Sette fez menção ao Baile de Máscaras, embora a data não seja citada. Foi no ambiente luxuoso do Baile de Máscara que ocorreu a apresentação oficial de Maria Teresa, à sociedade recifense. Apesar de, durante a narrativa de “Encantos”, não aparecer uma data precisa, o Baile de Máscaras do Teatro de Santa Isabel, de acordo com um anúncio do Diário de Pernambuco⁸, aconteceu em 29 de maio de 1852. No Livro Paradidático, a ilustração deste **ambiente**, se dá pelas fotografias da

⁸ Ibidem.

sua fachada central, a qual foi descrita, com encantamento, por Maria Teresa. A fotografia do teatro, como ilustração da descrição de Maria Tereza, deve ajudar o leitor a identificar as suas características. Para aumentar a sensação de expectativa e do encantamento do **ambiente do Baile de Máscaras**, o enredo narra a ida de Maria Teresa à loja da Madame Ancelle, para a escolha dos tecidos e do modelo do vestido. Essa moda foi descrita por Mário Sette, em **Arruar**. A ilustração dessa moda, no livro “Encantos”, se dá a partir de uma visita à loja de tecido, Casas Joé Araújo, localizada na Estrada do Arraial, no Recife. Nessa ocasião, foram fotografadas amostras de tecido assim como pediu-se ao estilista, Pablo Schäuuffele, que imaginasse e desenhasse um vestido, segundo essa época, a fim de representar o vestido usado, pela personagem Maria Tereza, para ir ao Baile de Máscaras.

O desenvolvimento e progresso do Recife, bem como alguns dos seus costumes aparecem quando se narra sobre os carros de aluguel. Este meio de transporte, era muito utilizados pelos habitantes da cidade. Ao perceber-se, através das fontes, que os carros de aluguel eram comumente utilizados pelos moradores da cidade, considerou-se que eles deveriam aparecer no decorrer da história e não havia momento mais oportuno, para isto, do que a ida ao baile de máscaras no Teatro de Santa Isabel. Sua presença foi registrada em **Arruar** (2012) e no Relatório do Presidente da Província de Pernambuco, do ano de 1852. Nesse último caso, eles surgiram como objetos de preocupação pois, alguns de seus condutores, insistiam em carregar cadáveres, ainda que houvesse carros próprios para isso.

De forma geral, buscou-se capturar fotografias de elementos que remetem ao passado da cidade do Recife, ainda que não sejam, necessariamente, originais do século XIX, a fim de proporcionar, ao estudante/leitor, uma identificação entre aquilo que se passa na história do livro paradidático e elementos presentes no seu cotidiano.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em documentos produzidos durante e sobre o Recife do século XIX poderia, facilmente, resultar em um artigo ou monografia, produtos tradicionais do TCC. No entanto, a experiência pessoal com a leitura contribuiu, imensamente, para o desenvolvimento de um livro paradidático.

A importância do incentivo à leitura na escola se dá, em parte, por que, para muitos estudantes - principalmente para os de escolas públicas - se trata de um primeiro contato com uma leitura complexa, sobre a qual é necessário fazer uma reflexão e interpretação, a fim de alcançar os objetivos propostos em sala de aula. Em parte, porque ao passo em que é complexa, é, também, uma leitura fluida, prazerosa e que pode ser feita, novamente, depois do período

escolar, gerando, talvez, uma reinterpretação, dessa vez, mais profunda e que culmine na empatia pela temática abordada no texto.

Além disso, na medida em que um livro que conta uma história sobre a cidade do Recife é direcionado a estudantes de 8º ano do Ensino Fundamental de escolas localizadas na cidade do Recife, ele possibilita que novos olhares sejam direcionados à cidade. Trata-se de relacionar a História com espaços e acontecimentos que fazem parte do cotidiano dos estudantes, de estimular reflexões e, também, sua imaginação sobre tempos passados e ressignificar um espaço (a cidade) a partir da sua historicidade. Estimular a pensar o que tem de passado Imperial nesta cidade, seus reflexos sobre a vida de hoje, a cidade como museu a céu aberto que precisa ser conhecida para ser preservada. E, se hoje o Recife é “a cidade do passinho”, uma dança que acolhe os jovens de diferentes áreas geográficas, houve um tempo que um Baile de Máscaras representou o Encanto de uma jovem adolescente.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 30-42, 2005.
- BARBOSA, Josué Humberto. Porte, navegação e vida social antiga: um cronista e o cotidiano do Recife nos meados do século XIX. **Saeculum – Revista de História**. Jan.-Dez. 1998-1999.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**. Ano 1, n 3, junho/ 2010. p. 94-109. Disponível em <<https://www.revistas.ufrj.br/teoria/article/view/28658/16073>>. Acesso em 5 out 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em 12 fev. 2019.
- BRITO, Danielle Santos de. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. 2010. Disponível em <http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf>. Acesso em 15 abr. 2019.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a história local. **Ensino em Revista**. v. 4. Jan/dez, 1995.
- FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 61-91.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2006.
- Guia de Preenchimento da Ficha do Banco de Dados LIVRES** – Livros Escolares Brasileiros (1810 – 2005). São Paulo: USP/FEUSP/FAPESP, 2005.
- KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.
- _____. Letramento na contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 72-91, Ago./Dez. 2014.
- LAGUNA, Alzira Guiomar Jerez. A contribuição do livro paradidático na formação do aluno-leitor. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 2, p. 43-52, ago. 2012. ISSN 2316-3852. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/81>. Acesso em 25 abr. 2019.

PERNAMBUCO, Secretaria de Educação. **Currículo de Pernambuco**. Recife, _____, Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares de Pernambuco**. Recife, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. **Revista de História das ideias**, vol. 21, 2000.

ROCHA, Artur Gilberto Garcéa de Lacerda. **Discursos de uma modernidade: as transformações urbanas na Freguesia de São José (1860-1880)**. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

SANTOS, Carmi Ferraz. Letramento e ensino de História: os gêneros textuais no livro didático de História. In: **Anais do 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – Universidade do Sul de Santa Catarina**. Tubarão, Santa Catarina, 2007. Disponível em <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino_pos/linguagem_eventos/cd/Port/33.pdf>. Acesso em 17 abr. 2019.

SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O costume da praça vai à casa: as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830-1880)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2011a.

_____. Quando Recife sonhava em ser Paris: a mudança de hábitos das classes dominantes durante o século XIX. **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, n. 25, jul. – dez. 2011b.

SILVA, Wellington Barbosa. “Uma autoridade na porta das casas”: os inspetores de quarteirão e o policiamento no Recife do século XIX (1830-1850). **Saeculum – Revista de História**, João Pessoa, n. 17, jul. – dez. 2007.

_____. “Cada taberna nesta cidade é um quilombo...”: repressão policial e resistência negra no Recife oitocentista (1830-1850). In: ALMEIDA, Suelly Creusa Cordeiro de (org.). **Histórias do mundo Atlântico: Ibéria, América e África: entre margens do XVI ao XXI**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf/&sa=U&ei=F0-U_OPOoivPK78gBg&ved=0CDEQFjAF&usg=AFQjCNH1FnkSbp6dZ_ZXp35z9zDVrmSYQw>. Acesso em 15 abr. 2019.

SOUZA, Maria Angela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial**. 2002. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. A educação patrimonial no ensino de História. **Biblos**, Rio Grande, 22 (1): 199-211, 2008. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/868>>. Acesso em 12 fev. 2019.



ENCANTOS

VITÓRIA LOBO TRINDADE

Vitória Lobo Trindade

ENCANTOS

1ª edição da autora

Recife

2019

Edição

Vitória Lobo Trindade

Revisão

Rozélia Bezerra

Fotógrafa

Thaís Nunes Rocha Perez

Fotografias

Rua do Bom Jesus, Igreja Madre de Deus,
Teatro de Santa Isabel e Casas José Araújo

Desenho

Pablo Schäuuffele

*Para Viviane,
meu raio de sol.*

“Cada cidade tem a sua história, não apenas a política, mas, sobretudo, a peculiar aos seus costumes, aos seus regionalismos, aos seus modismos. (...) História, ou histórias, semelhantes às contadas pelas velhas pretas de antigamente; histórias que ainda nos encantam quando vamos envelhecendo.”

(Mário Sette)

Prefácio

Ana Maria Machado disse que há várias maneiras de defender uma ideia, uma delas, é contando uma história. Esse livro, defende a importância de conhecer e falar sobre o passado de uma cidade.

Nas páginas que se seguem, o leitor poderá passear pela cidade do Recife. Não esse Recife de agora, de ruas asfaltadas e trânsito intenso, mas sim o Recife de outrora, no qual muitas pessoas se encantavam com a chegada do progresso.

O Recife retratado nesse livro é o da década de 1850. Naquele tempo não existiam automóveis, arranha-céus ou shoppings centers, naquele tempo as pessoas contemplavam, curiosas, a transformação dos costumes e da cidade, que recebia inspiração europeia.

O dia a dia era bem menos agitado do que é nos dias de hoje, mas, nem por isso, deixava de ser interessante. Pelo contrário, a cidade se permitia ser admirada por quem a atravessava.

Que você, caro leitor, possa, também, admirar o Recife, o do seu tempo e o de outras gerações e, por fim, perceba que a cidade não para, ela cresce e muda o tempo todo porque quem faz a cidade é a sua gente. Sendo assim, a cidade é, antes de mais nada, viva.

Sumário

Epidemia que não é epidemia	11
Muito bom gosto.....	25
Passeio público	38
Baile de Máscaras	48



Epidemia que não é epidemia

Minha família é de encher as vistas de qualquer um. Meu pai, doutor Francisco, é um médico renomado e se não o mais, um dos mais procurados da cidade.

Minha mãe se chama Guilhermina e não é segredo para ninguém: ela ama ser a esposa do doutor, se gaba sempre que pode. São casados há muitos anos. Não sei exatamente quantos, mas tempo suficiente para que nascessem cinco filhos.

Meu irmão mais velho faleceu muito pequeno, antes de completar um ano. Foi batizado como Bartolomeu. Depois nasceram Gregório, Venâncio e eu.

Meu irmão mais novo morreu no parto. Não me explicaram direito o que aconteceu e

parece que nem papai encontrou explicação, só sei que depois disso minha mãe não engravidou novamente.

Gregório, meu irmão mais velho, chegou recentemente da Europa. Médico recém-formado e, de acordo com mamãe, cheio de vícios de gente muito moderna.

Não sei bem ao que ela se refere, mas papai não liga muito, na verdade se orgulha bastante de meu irmão por ter seguido seus passos.

Venâncio ainda está estudando, em pouco tempo será um bacharel em direito. Papai também se orgulha dele, queria que um filho fosse médico e que o outro fosse advogado ou engenheiro.

Mamãe também gosta que Venâncio estude para ser advogado, acha chique e diz que ele será um homem muito importante.

Sou Maria Tereza, minha família me chama de Teca. Eu não fui à Europa. O mais

perto que cheguei disso foi quando nos despedimos dos meus irmãos no porto. Venâncio viajou dois anos depois de Gregório. Mas ambos embarcaram em navios cheios de estrangeiros.

Isso foi há bastante tempo, eu ainda era criança. Agora, já cresci, completarei quinze anos em breve e estou muito animada, principalmente porque Gregório chegou a tempo de participar da comemoração.

Papai disse que não daremos uma festa. A cidade está passando por uma epidemia de febre amarela e é provável que qualquer festa em nossa casa seja interrompida por um pedido de socorro.

Mamãe não gostou muito disso, estávamos planejando minha festa de aniversário com muito carinho. Obviamente, também não gostei, mas sei que não terá jeito por que mesmo não tendo gostado, mamãe

concordou. Disse que não seria de bom tom darmos uma festa.

Além de ser o médico que está cuidando das pessoas afetadas pela febre, papai perdeu alguns amigos próximos para a epidemia.

Ele diz que não se deve usar o termo epidemia, mas mamãe usa da mesma forma. A verdade é que, apesar de não ser uma doença que está aterrorizando a cidade, o número de casos cresce dia após dia.

Muitas famílias estão de luto.

Papai insiste para mamãe não se preocupar, diz que o Conselho Geral de Salubridade Pública não está medindo esforços para eliminar os focos de infecção. Ainda assim, os doentes não são poucos. É difícil não nos preocuparmos.

Papai atende quase todos os dias, exceto aos domingos, quando vamos à missa. Normalmente fica no consultório pela manhã, onde consulta gente com todo tipo de doença.

Vem para casa no meio do dia, fazemos uma refeição e, durante a tarde, é de praxe alguém bater na nossa porta ou algum criado trazer a notícia de um vizinho que precisa de cuidados.

A agitação não é novidade alguma, mas com a tal epidemia, que não é epidemia, a rotina de trabalho de papai ficou mais intensa.

Isso mamãe detesta pois, ao passo em que aumentaram os ganhos de papai, o que permite manter certos luxos, o grande número de pacientes, também, aumenta o medo da doença chegar na nossa casa.

Mamãe teme por mim, sei disso. Ela é uma mulher bem robusta, saudável. Eu, por outro lado, sou bem franzina, fico muito mal quando alguma doença me atinge e isso a preocupa bastante.

Bem, ela me manda tomar sorvete sempre que possível, a fim de refrescar os intestinos e afastar a febre. Essa parte, eu adoro!



Papai tenta confortá-la, se mantém inteirado sobre as novidades médicas e nos faz adotá-las. Mamãe não gosta muito de novidades, mas quando papai propôs que nos mudássemos do sobrado para uma casa maior e mais arejada, ela ficou bastante animada.

Moramos em um sobrado muito bonito. Eu gosto, porque da sacada posso ver a rua. Mamãe não gosta muito que eu faça isso, diz que estou me expondo, mas em dias de

procissão, acompanhamos, eu e ela, tudo, dessa mesma sacada.

Mamãe, assim como eu, gosta da casa na qual vivemos, por isso sei que vai ser difícil encontrar novo lar que agrade mamãe e atenda às exigências de papai.

A primeira ideia de papai foi se mudar para um arrabalde onde pudéssemos ter uma casa grande com quintal. Mamãe não quis e parece que estava certa porque papai não demorou para concordar com ela. Mamãe dizia que apesar do renome, ele teria de cativar uma nova clientela em outro lugar.

Além disso, tal qual mamãe, papai gosta de viver perto do porto. Ele diz que é a porta de entrada e saída da cidade, que tudo acontece nessa região e, como o médico importante que é, ele deve se manter próximo ao ponto mais dinâmico da cidade.

Mamãe não faz questão de esconder, ela não quer se mudar porque gosta de estar onde

estão as pessoas influentes e diz que quem mora longe da cidade “beira a incivilidade”.

Mas, às vezes, mamãe fica indecisa. Por um lado, ela não quer se distanciar da cidade, por outro, quer se distanciar da doença.

Papai sugeriu a Boa Vista. Mamãe gostou ou pelo menos achou que seria a melhor opção. Eu só soube disso quando comentaram com algumas pessoas, na igreja, no domingo seguinte à chegada de Gregório.

Ouvi a conversa e depois levei um puxão de orelha de mamãe por que fiquei prestando atenção. Ainda, tive que sentar no primeiro banco para assistir à missa. Normalmente sentamos entre o meio e o fundo da igreja e eu prefiro.

A missa desse domingo, em particular, foi bem triste: o padre fez referência aos enfermos e aos falecidos. Foi um chororô.

Prefiro as missas comemorativas, as procissões e os dias de festa. Então rezei bastante para que esses dias voltem.

Quando era menor, eu gostava que as pessoas ficassem doentes porque é assim que papai ganha dinheiro. Com o passar do tempo percebi que era um pensamento muito mesquinho. Só o padre sabe disso, contei a ele em confissão, assim, ele não poderia contar a mais ninguém.

Agora, eu adoraria que não houvesse mais doentes, pelo menos não de Febre Amarela. Não me importa que papai trabalhe menos, estou mais interessada em ver menos velórios.

Ao fim da missa, papai conversou com alguns amigos, falou sobre Gregório. Isso foi o próprio Gregório quem me disse, não ousei prestar atenção novamente em uma conversa da qual não participo.

Enquanto papai reapresentava Gregório aos seus amigos e mamãe se gabava por ele ter





estado na Europa, eu conversava com algumas meninas da minha idade. Era sempre assim, ao fim da missa papai e mamãe cumprimentavam algumas pessoas e eu aproveitava para conversar bobagens com as meninas.

Desde que Gregório e Josué chegaram à cidade, as meninas não param de falar neles, então tenho evitado conversar muito com elas.

Josué é outro rapaz que chegou da Europa. Lembro quando ele e Gregório partiram juntos. Josué também foi estudar, mas não me dei o trabalho de saber em que se formou.

Eles estavam arrancando suspiros das moças, causando alvoroço e eu até me interessaria por Josué, mas ele é amigo de Gregório e isso deve significar que eles tem algumas semelhanças. De presunçoso e implicante, meu irmão já me basta.

Não sei Josué, mas, Gregório, me falou bastante sobre o que viu e fez nesses anos em que esteve longe. Eu até gosto de ouvir as

histórias do meu irmão, embora não entenda algumas coisas.

Ele fala, por exemplo, em modernização da cidade. Diz que Recife faz bem em se inspirar no modelo europeu.

Não sei exatamente o que é isso que ele tanto fala e quando pedi para ele me explicar, ele não o fez.

Fico me perguntando se Venâncio estará vivendo as mesmas coisas que Gregório viveu e se ele não me explicaria melhor. Acho que não, Gregório e eu sempre fomos mais próximos, ele me trata como sua princesinha e se nem ele está me explicando o que pergunto, não sei quem fará.



Muito bom gosto

Devido à proximidade do meu aniversário, mamãe sugeriu que encomendássemos um vestido novo à madame Ancelle. Como não haverá festa, teremos uma ceia em família para comemorar e, no dia seguinte, iremos ao teatro.

Será minha primeira ida. Gregório ri da minha excitação, afinal, além de estudar viveu muitas experiências culturais no exterior.

Do que ele conta, não posso imaginar nem metade. O mais longe de casa que fui, provavelmente foi ao Grande Hotel do Cabo, lugar muito distinto, inclusive.

Percebi que minha animação, em relação ao teatro, era menor que a de minha mãe quando, já na loja, ela se aborreceu com madame Ancelle.

Diante da grande variedade de tecidos, demoramos bastante para escolher os que seriam usados nos nossos vestidos. Por fim, decidimos que o meu seria feito em seda cor de champanhe e o de mamãe, seda furta cor.

Decididos os tecidos, madame Ancelle passou a fazer algumas sugestões como colocar



renda francesa no busto e na barra do meu vestido.

Além disso, mamãe queria uma fita, não gostou de nenhuma das cores disponíveis e achou um absurdo que a madame não tivesse maior variedade.

Madame Ancelle ficou surpresa, assim como eu e Gregório. Mamãe não costuma se alterar e a madame sabe disso porque fazemos parte de sua clientela fiel.

Minha mãe afirmava que havia visto uma tal cor de fita em um vestido de uma das filhas da senhora Caetana e que a moça lhe disse que havia encomendado a peça na loja de madame Ancelle.

Bem, provavelmente mamãe esqueceu que a família em questão vai mal financeiramente. Sei disso porque outro dia papai estava transtornado. O senhor Afonso, esposo da senhora Caetana, havia lhe pedido

dinheiro emprestado e não pagou na data prevista.

Eu adoraria refrescar a memória de minha mãe e dizer-lhe que a tal fita deveria ter mudado de cor devido ao uso ou estar bufenta. Quem sabe? Coisa que ela, provavelmente, não percebeu graças à sua recente perda de visão.

Percebemos que mamãe tem enxergado muito mal ultimamente, mas ela não gosta de falar disso.

Também seria muita indelicadeza minha comentar a situação financeira de uma família tão próxima à nossa.

Olhei para meu irmão esperando que interviesse. Mas Gregório estava muito ocupado sorrindo para duas moças que entravam na loja.

As moças perceberam os olhares de Gregório e suas faces coraram. Estavam acompanhadas por um senhor que não gostou do ocorrido, mas deve ter reconhecido meu irmão porque fez vista grossa.

Papai é um homem bastante influente, tem muitos amigos na Câmara e até mesmo na Assembleia, por isso somos tratados com muita cordialidade em qualquer lugar da cidade.

Mas provavelmente não foi por isso que o senhor deixou passar a atitude de Gregório, afinal, para estar na loja de madame Ancelle ele também deve ser influente, embora eu não faça ideia de quem se trata.

Todos sabem que Gregório acabou de chegar da Europa e isso faz dele um belo pretendente.

Qual pai não gostaria que sua filha estivesse casada com um rapaz estudado e viajado, conhecedor das letras, inteirado sobre política e economia?

Além de, no caso de Gregório, ser herdeiro da pequena fortuna e influência de papai. Soltei um leve pigarro para chamar a atenção do meu irmão, o que felizmente funcionou.

Gregório demorou um pouco para entender e olhou-me com uma interrogação estampada no rosto, inclinei a cabeça na direção de mamãe e, finalmente ele entendeu.

— Senhoras! – Gregório se pronunciou. – Desculpem a intromissão, mas não entendo muito bem sobre a moda feminina. Poderiam me dizer qual fita combina melhor com o tecido do vestido de Teca? – Disse e apontou para a seda que mamãe havia escolhido.

— Essa! – Minha mãe e a madame disseram e apontaram ao mesmo tempo para uma fita da mesma cor do vestido, porém mais cintilante.

— Ora, vejam só! Acredito no muitíssimo bom gosto de ambas e ainda mais quando é coincidente... Também acredito no ótimo trabalho da madame. Podemos deixar esses vestidos nas mãos dela, minha mãe?

Mamãe apenas acenou, sabendo que não havia solução melhor. Saímos da loja com data

marcada para provar os vestidos e ela voltou a falar animadamente sobre como estava ansiosa para nossa ida ao teatro. Nem parecia que acabara de sair de uma discussão.

Papai e mamãe foram ao teatro algumas outras vezes, assistiram óperas e dramas, mas a animação se dá porque, dessa vez, haverá um baile de máscaras, o Primeiro Grande Baile Mascarado do Teatro de Santa Isabel e querem aproveitar para me apresentar, como uma debutante, para a sociedade.

Até então todos me veem como uma menina, a filha caçula do doutor, mas uma nova fase da minha vida está se iniciando.

No caminho de volta para casa avistei Oswaldo numa esquina. Sorri ao vê-lo. Nas últimas semanas ele me enviou alguns bilhetes e eu adoraria tê-los guardado, mas mamãe não pode descobrir, então tive de queimar todos eles.

Conto com a descrição de Jamila, afinal é ela quem me entrega os bilhetes e foi graças a ela que descobri o rosto do meu admirador.

Jamila me incentivou a ir até a sacada em um dia no qual Oswaldo fingia estar despretensiosamente, parado bem próximo à minha casa.

Quando apareci na janela, ele logo me olhou com esperança e lhe devolvi um sorriso, mas não sei de deveria, afinal me entregou tantos bilhetes, mas não teve coragem de se apresentar em minha casa.

Bem, a tirar pela animação de mamãe eu teria coisas mais urgentes para me preocupar, como, por exemplo, o fato de que ela irá controlar minha alimentação para que madame Ancelle não precise alargar o vestido.

Isso por que sempre fui franzina, não quero nem imaginar se tivesse puxado a ela.

Além disso, certamente me fará experimentar penteados cada vez mais

pomposos até encontrarmos o mais extravagante. Mamãe está muito ansiosa por esse dia, até desconfio que haja algo além da minha apresentação como debutante. De toda forma, provavelmente, ela me dirá que mais é sempre melhor.

Mas é claro, estar na rua tem grandes vantagens, foi assim que ficamos sabendo, por exemplo, que uma carga de gelo acabou de desembarcar no porto.

Alguns moleques de recado corriam avisando aos comerciantes, que logo mandavam seus pretos buscarem uma boa quantia.

Enquanto isso, mamãe me olhou e sorriu sem mostrar os dentes, Gregório não entendeu e isso pouco me importa. Teremos sorvete e pensar nessa delícia gelada me fez salivar.

Ainda bem que, com o sorvete, mamãe não implica, porque foi ela quem me ensinou a apreciar os quitutes e agora vive dizendo que devo deixar de ser tão gulosa.

É bem verdade que como mais do que deveria, mas não engordo, então não há com o que se preocupar. Apesar disso mamãe vive mandando Jamila controlar minha alimentação. Uma chatice, diga-se de passagem, mas sei que Jamila faz com prazer.

A cozinheira me acoberta, me manda alguns quitutes escondidos. Foi a minha ama de leite e, por isso, tem muito carinho por mim. Diz ter “dó da sinhazinha que fica com a cara triste quando tá com fome”.

Jamila traz a comida escondida para o meu quarto, mas não me deixa comer, porque às vezes mamãe entra de supetão e se me vir comendo ou desconfiar, descontará na pobre coitada.

Jamila esconde e não sei como, consegue comer antes mesmo que eu perceba.

Jamila tem muito medo da minha mãe, que a trata verdadeiramente mal. Ela tem quase a

minha idade e está em nossa casa desde que nasceu. Isso foi a cozinheira quem me disse.

Quando completei sete anos, Jamila foi encarregada de ser minha mucama. Não há um dia em que mamãe não lhe seja rude e não falo isso somente por que gosto de Jamila, mas porque comparo o tratamento que mamãe dá a ela e aos outros escravos. A coitada vive sofrendo agressões.

Certo dia eu tentei defender Jamila, dizer que ela não tinha feito nada, mas foi pior, mamãe lhe arrastou pelos cabelos até um quartinho e a prendeu lá por alguns dias. Ela não comeu ou bebeu água e lá mesmo fez suas necessidades fisiológicas.

Papai não a trata desta forma e provavelmente não teria permitido que mamãe tratasse. Mas havia viajado a trabalho.

Mamãe ameaçou os outros criados para que não contassem e os instruiu para me desmentir se eu abrisse a boca.

Nada disso alterou minha relação com Jamila. Ela ainda traz minha comida, arruma meus cabelos, cuida das minhas roupas e me ajuda com o banho. Ah! E, claro, me entrega os bilhetes de Oswaldo.

Por isso, fico feliz que papai tenha me ensinado a ler, assim posso saber as belezas que meu admirador me escreve e, embora não possa retribuir, me sinto muito tocada pelas suas palavras.

Mamãe nem pode sonhar com tudo isso. Ela gosta de ter tudo sobre controle e não quero contrariá-la. Apesar dos exageros, sei que ela só quer garantir um bom futuro para mim.

Espero que a presença de Gregório não dificulte as coisas.

Às vezes Oswaldo aparece no quarto. Mamãe não percebe porque não sai muito, mas Gregório estará mais atento a isso.



Passeio público

Graças a Gregório eu pude sair com certa frequência. Ele me convidava para lhe acompanhar em alguns passeios durante a tarde. Apesar disso, não via mais Oswaldo pelas ruas da cidade.

Por outro lado, descobri que é normal que as moças da minha idade saiam acompanhadas, apesar de mamãe se recusar a aceitar isso e insistir em dizer que eu deveria ficar em casa, onde ficam as boas moças de família.

Entre outros lugares, vamos ao Cais do Boyer. Lá, o fluxo de pessoas é intenso e Gregório diz que isso é uma consequência do progresso. Ele gosta de usar essa palavra.

Mamãe e papai me levaram algumas vezes, enquanto Gregório ainda estava na

Europa, mas quando o espaço passou a ser frequentado por muitas famílias, mamãe perdeu o apreço.

O Cais do Boyer é um passeio público com alguns banquinhos, plantas e lampiões. Propício mesmo para os fins de tarde. A partir dele, podemos ver o rio, é um lugar muito agradável.

Eu gostaria de, apenas, desfrutar os nossos passeios, que acontecem em tardes agradáveis, mas meu irmão não se cansa de falar



sobre os avanços da cidade e depois de um tempo, passou a me importunar em casa também.

— Tudo está bem mais convidativo que quando saí daqui mas deveriam investir na iluminação pública, que acha, Teca? – Gregório faz perguntas sobre investimentos sabendo que não sei o que dizer.

— Não entendo de investimentos e apesar de ver que algumas coisas são novas, não lembro bem como era antes de você viajar. – Respondo sem entusiasmo.

— Com esse crescimento da cidade logo precisaremos de transportes melhores também.

— Por que você não é capitalista ao invés de médico? Só sabe falar sobre melhoramentos e investimentos. Nunca fala sobre seus pacientes. – Eu disse.

— Outro dia atendi um senhor com disenteria, lhe indiquei um elixir e ele foi comprar. – Gregório começou a contar seus

feitos médicos. – Ontem apareceu uma senhora com um caroço nas costas e queria me convencer que surgiu do dia para a noite. Teve também uma senhora que levou uma mocinha da sua idade com vertigem...

— Essa mocinha você deve ter gostado de atender. – Interrompi e meu irmão não gostou.

— Era uma paciente, Teca. Eu não fico flertando com minhas pacientes. – Ele respondeu chateado.

Acho que criei uma visão equivocada do meu irmão. Desde que ele voltou, papai diz o quanto é importante ter uma boa postura profissional. Talvez ele tenha mesmo.

Gregório tem exercido o ofício com papai. Eles saem pela manhã para o consultório, mas Gregório não atende na casa dos pacientes. Ele me disse que, segundo papai, lhe falta preparo.

Gregório não gostou muito disso, mas também não rebateu papai. Já comigo, passa o tempo se lamentando. Eu não gosto de ouvir

suas reclamações, mas não me sinto no direito de criticá-lo, afinal, apesar de todas as suas inquietações, ele se dispõe a passear comigo, me apresentar a cidade e me contar sobre a Europa e, já que é pouco provável que eu veja tudo que Gregório já viu, posso, pelo menos, imaginar como é a vida em outros lugares através de suas histórias.

— Papai diz que ainda não estou pronto para atender em domicílio. Sinceramente, não entendo. Não é muito diferente de atender no consultório e não sei outra forma de aprender, se não fazendo. – Gregório disse em um de seus muitos momentos de reclamação.

— Acho que ele tem medo que você fique doente. – Eu respondi o óbvio e Gregório arregalou os olhos.

— Mas é claro que tem! Como eu não pensei nisso? – Gregório disse com cara de bobo.

— Você está muito preocupado em reclamar e se admirar com a cidade. É isso que você faz a maior parte do tempo.

Meu irmão me olhou chateado, mas admitiu que eu tinha razão.

Outro dia saímos de casa com Gregório dizendo que iríamos novamente ao Cais do Boyer. Mamãe não gostou, mas teria gostado menos ainda se soubesse que, na verdade, ele estava me levando até o porto.

Gregório ia todo contente pelas ruas, me mostrava e explicava tudo que via pela frente. Inclusive, me mostrou, de longe, uma casa que estava sendo demolida.

Chegando no porto, começou a me explicar a importância dele para o desenvolvimento da cidade.

— É a partir daqui, Teca, que o Recife tem contato com as novidades do mundo. - Gregório dizia e eu ria da forma como ele falava. - É verdade que as novidades chegam aqui já com

um pouco de atraso, mas não é isso que importa.

Algumas pessoas olhavam para nós dois. Percebi que a maioria dos que estavam ali eram trabalhadores, mas meu irmão não estava se importando, então também não me importei.

— As pessoas estão mudando aqui e isso é bom. Mamãe não gosta muito, já percebi, mas veja isso. – Gregório disse e apontou para o mar.

— A água? – Perguntei sem entender.

— As obras para melhoramento do porto, Teca. Você está ouvindo o que estou dizendo? – Gregório perguntou e não respondi por que não sei se realmente ouvi tudo.

Ele ignorou minha falta de resposta e falou sobre como a cidade está se adaptando rapidamente, que já pode perceber algumas mudanças na cidade e mesmo nas pessoas.

Gregório acredita que em pouco tempo teremos água encanada e um sistema de coleta dos dejetos das casas, assim não será mais

necessário que os negros carreguem tudo em barris.

Tudo que ele diz parece interessante, gosto de todas essas mudanças que Gregório fala, mas não aguento mais ouvir esse tipo de coisa, então espero que o mundo mude logo e meu irmão também.

Acho que Gregório não vai mudar tão cedo, mas minha rotina, com certeza, mudou depois desse passeio.

Chegamos em casa e fomos recebidos por papai. Abri um sorriso, não imaginei que ele estaria em casa. Ultimamente não era normal, mas papai nem viu meu sorriso.

Olhei para Gregório sem entender e ele estava de cabeça baixa. A cara feia de papai não era para mim. Ainda bem.

Papai nem deixou Gregório entrar, me mandou ir para perto de mamãe e saiu com Gregório fechando a porta.

Não sei o que ele disse a Gregório, só sei que depois disso Gregório só saiu comigo novamente para a prova final do vestido e para busca-lo depois de pronto. Nessas ocasiões, fomos eu, ele e mamãe.



Baile de Máscaras

Eu andava de um lado para o outro esperando, ansiosamente, pela chegada de papai, mas estava tão ansiosa que só percebi que papai já havia chegado por que Gregório pigarreou.

Eu estava usando o vestido feito por madame Ancelle, que, por sinal, ficou perfeito. É diferente dos que costumo vestir, mas mamãe disse que precisamos renovar minhas roupas, que não devo mais me vestir como criança.

Não acho ruim ter de fazer vestidos novos. Isso significa, inclusive, que terei de sair algumas vezes. Espero que Gregório vá comigo.



Gosto da companhia de papai, mas Gregório me dá mais liberdade

Esperava que papai elogiasse meu vestido, mas ele não fez isso. Achei muito bonito e Gregório disse que eu não perco em nada para as moças da Europa. Foi o suficiente para que eu ficasse mais que feliz.

O vestido de mamãe também estava lindíssimo, mas não diferia muito dos tantos que ela já tem.

Gregório olhava para mim e sorria. Sabia que minha ansiedade só seria aplacada quando chegássemos ao teatro.

Papai chamou um carro de aluguel pra nos levar ao teatro e nos trazer de volta para casa ao fim da noite.

No caminho Gregório me cochichou que mamãe cogitava uma pretendente para ele e fez uma careta. Ri baixinho e torci para que ela não tivesse a mesma ideia para mim.

Deixei que ele se tornasse o centro das atenções durante o caminho e passei a observar a paisagem.

As ruas principais estão bem iluminadas. Vários lampiões mostram o caminho. Na rua onde moramos há apenas a luz das lamparinas dentro das casas e quando as janelas são fechadas, a luz da lua.

Percebi que estávamos chegando ao teatro quando vi um grande fluxo de pessoas seguindo na mesma direção.

Ouvi papai e mamãe falando algumas vezes, mas não fazia ideia que pudesse ser tão grande!

Não consigo pensar em uma palavra que faça jus. É mais que lindo. Na lateral, há uma quantidade enorme de janelas simetricamente ajustadas.

É tudo absurdamente elegante. A fachada tem cinco portas enormes e bem acima delas, no

primeiro andar, cinco janelões. Há vários pilares e uma riqueza de detalhes incrível.

O interior, então, é magnífico.

Tive certeza que estava com cara de boba quando Gregório me entregou minha máscara, me deu o braço e pediu para que fechasse a boca.



— Os teatros europeus são assim? - Perguntei a Gregório e acredito que meu tom de voz foi mais alto do que deveria, por que mamãe me olhou feio.

— Esse é resultado do trabalho de Vauthier, um engenheiro francês. - Acho que Gregório respondeu positivamente a minha pergunta.

— Foi um excelente trabalho, não? - Papai falou animado e correu os olhos pelo salão como quem procura alguém.

— Francisco! - disse um senhor se aproximando. - Como vai, meu velho amigo? Olá, Gregório, é um prazer finalmente revê-lo. - Se dirigiu ao meu irmão e acenou gentilmente para mim e mamãe. - Boa noite, senhoras.

Acho que era por ele que papai procurava. Tenho a impressão de conhecer este senhor, mas não sei bem de onde.

Ele estava acompanhado por uma moça que tinha seu rosto coberto por uma máscara,

como todos nós. Mas percebi que ela fitava Gregório.

— Olá, Amaro! Que bom que já chegou. – Papai se dirigiu ao senhor.

A moça deveria ter mais ou menos a minha idade. Com o rosto coberto pela máscara, não consigo reconhecê-la, mas ela parece conhecer todos nós.

— Gregório. – Papai falou e chamou a minha atenção. – Acredito que você não se lembra, mas este é Amaro, um amigo de longa data. E a bela moça é sua filha, Antônia.

Gregório sorriu como um cavalheiro e tive dó do meu irmão. Acredito que seja essa a moça com quem querem que ele se case, pois começaram a conversar animadamente sobre as qualidades de ambos.

Claramente Gregório estava desconfortável. A moça, por outro lado, parecia realmente animada e não é de se estranhar. Meu irmão é mesmo um belo rapaz e, se não fosse

tão cheio de si, eu diria que também é um bom partido.

Ela não chegou a interferir na conversa, mas estava atenta a tudo e a todos, assim como eu.

Na verdade, bem mais atenta que eu porque em certo ponto da conversa eu passei a ignorar tudo que diziam.

Dei uma última olhada em mamãe. Ela ainda implica, não gosta de lugares cheios de gente, mas deveria admitir, é maravilhoso estar com todas estas pessoas.

É como os almoços no Grande Hotel, só que melhor, porque aqui podemos realmente conversar com outras pessoas e não deixa de ser um ambiente familiar.

Para completar, estamos cercados por todo esse luxo. E não é só o luxo do lugar, as pessoas também estão glamourosas. Todas as mulheres puseram seus melhores vestidos e suas melhores joias.

Apesar de estarmos fantasiados podemos reconhecer uns aos outros. Talvez seja por isso que mamãe diz que é importante estarmos aqui.

As máscaras escondem os rostos, mas as pessoas fazem questão de mostrar suas riquezas. Inclusive nossa família.

Gregório me explicou que papai, enquanto médico, tem estado envolvido em um tal projeto para melhorar a qualidade do ar da cidade e afastar as doenças.

Deve ser por isso que ele quer se mudar para uma casa mais arejada.

Meu irmão também disse que é importante para papai estar nos grandes eventos da cidade e, como não sou mais criança, devo estar presente também.

Confesso que gostei bastante dessa parte e de resto, não entendi muita coisa. Mas fico feliz que Gregório se importe o bastante para me explicar. Por papai e mamãe, eu não precisaria saber de coisa alguma.

De acordo com Gregório eles não estão de todo errado, as moças não devem ser espertalhonas. Mas diz também que um rapaz como ele não gostaria de casar com uma bobona, então é melhor que eu tenha noção do que acontece na cidade, pelo menos.

Não sei se seria bom casar com um rapaz como meu irmão, mas pelo menos ele me ouve, já é um bom começo pra mim.

Meus pensamentos foram interrompidos pela orquestra que iniciou a execução de uma peça.

No intervalo, papai, Gregório e o senhor Amaro conversavam sobre negócios enquanto eu e mamãe reparávamos nas mulheres presentes. Mais eu que mamãe, porque vez ou outra ela me cutucava para que eu disfarçasse.

Eu estava extremamente feliz por estar ali. Sinceramente, não sei se minha festa de aniversário teria sido melhor que isso, era tudo

muito bonito e, diferente de mamãe, adoro uma novidade.

— Maria Tereza. – Papai me chamou pelo nome e estranhei, mas fui até ele.

Vi que Gregório olhava para mim e sorria. Estava se divertindo de mim e sei bem o motivo. Papai estava ao lado de um rapaz. Tinham os mesmos planos para mim e para Gregório. Me arrumaram um noivo também.

Provavelmente um noivo irresponsável, porque está atrasado. O baile já começou a um bom tempo.

— Minha filha, esse rapaz é o sobrinho de Amaro. O nome dele é Oswaldo.

Oswaldo. Se papai falou algo depois disso, não ouvi. Meu coração bateu acelerado. Acho que Oswaldo percebeu por que tomou a liberdade de segurar minha mão e beijá-la.

— Muito prazer em conhecê-la, senhorita.
– Oswaldo disse e sorriu, eu sorri de volta sem mostrar os dentes.

Demorei para entender que Oswaldo era Oswaldo e que estava tudo bem. Vi que minha reação não me entregou porque mamãe tinha um ar contente.

Deve ter parecido que eu gostei do meu noivo. Na verdade, gostei que Oswaldo fosse Oswaldo e que não tenha ficado apenas me mandando bilhetes escondido.

— O prazer é meu. – Sorri, finalmente.

**Livro Paradidático apresentado como
Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Licenciatura Plena em História
pela Universidade Federal Rural de
Pernambuco.**